

O USO DA LITERATURA COMO RECURSO EXPLICATIVO NA FILOSOFIA DE KARL MARX

Manoel Messias Rodrigues da Costa¹
Eduardo Ferreira Chagas²

The use of literature as explanatory resource in the philosophy of Karl Marx

Resumo:

O artigo consiste na pesquisa com uma abordagem literária em algumas obras de Karl Marx. O objetivo deste trabalho é mostrar o uso da literatura como recurso explicativo na filosofia do autor, destacando a relevância presente em sua obra, principalmente nos livros apresentados neste estudo. A metodologia aplicada caracteriza-se pela fundamentação na análise qualitativa e bibliográfica com o cruzamento de informações de trabalhos já publicados na área, com aportes na História, Literatura, Filosofia e em obras do próprio Marx, mostrando um recorte das referências, citações e analogias em alguns textos do filósofo, os quais expressam, em seu contexto, o traço, modelo ou a vertente do estilo que ele desenvolveu em suas narrativas, com uma forte influência da Literatura em sua formação apresentando-se desde a infância e vida acadêmica. Assim, o trabalho mostra como a literatura dialoga com a Filosofia, História, Sociologia, Economia e outras ciências presentes tanto nos bastidores das academias, como no cotidiano da sociedade. Desse modo, a análise do trabalho possibilita a descoberta e exposição desse modelo de metalinguagem, mostrando como Marx se apropria e se utiliza, em sua obra, de autores como Cervantes, Ovídio, Cícero, Tácito, Homero, Sófocles, Platão, Dante, Goethe, Shakespeare e autores bíblicos, como forma de expor suas teses, utilizando-se da Literatura como recurso explicativo para uma melhor compreensão de sua filosofia.

Palavras-chave: Literatura. Filosofia. Literatura como Recurso Explicativo.

Abstract:

The article consists of research with a literary approach in some works by Karl Marx. The objective of this work is to show the use of literature as an explanatory resource in the author's philosophy, highlighting the relevance present in his work, especially in the books presented in this study. The methodology applied is characterized with a foundation in qualitative and bibliographic analysis with the crossing of information from works already published in the area, with contributions from history, literature, philosophy and works by Marx himself, showing a clipping of references, quotes and analogies in some texts by the philosopher, which express, in their context, the trait, model or aspect of the style that he developed in his narratives with a strong influence of literature in his training, appearing since childhood and academic life. Thus, the work shows how literature dialogues with philosophy, history, sociology, economics and other sciences present both behind the scenes of academies and in the daily life of society. In this way, the analysis of the work makes it possible to discover and expose this model of metalanguage, showing how Marx appropriates and uses in his work, authors such as Cervantes, Ovid, Cicero, Tacitus, Homer, Sophocles, Plato, Dante, Goethe Shakespeare and biblical authors, as a way of exposing their theses, using literature as an explanatory resource for a better understanding of their philosophy.

Keywords: Literature; Philosophy; Literature as an Explanatory Resource.

1. Bacharel em Economia pela Universidade Federal do Ceará, estudante de Filosofia na Universidade Federal do Ceará, bolsista do PIBIC/CNPq sob orientação do Professor Dr. Eduardo Ferreira Chagas na Universidade Federal do Ceará
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7759-9352>

2. Pós-Doutorado em Filosofia pela Universitat Munster, professor efetivo do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>

1. INTRODUÇÃO

É comum, ao ler as obras de Marx, deparar-se com algumas citações ou analogias provenientes de textos de outros autores, mas o que se pode destacar neste trabalho é o uso acentuado da linguagem literária como forma explicativa desenvolvida ao longo da escrita do autor, como Marx se apropria de alguns autores, principalmente dos clássicos da Literatura para desenvolver um traço peculiar, uma marca, o escrever satírico de forma a contextualizar filosofia e economia com literatura e poesia. É certo que essa é uma característica marcante na vida e obra do escritor, mas a questão é como o autor desenvolveu esse modo de escrever, quais foram as principais leituras que o influenciaram e como ele adquiriu a facilidade "aparente" de interligar a literatura à poesia, a sátira à história e a economia à filosofia. Para uma melhor compreensão do leitor acerca das ideias de Marx, precisa-se analisar as influências que ele sofrera na adolescência e na vida acadêmica para que atingisse um amadurecimento claro e profundo, com exímio conhecimento de literatura e poesia.

Por que, então, não se transformou em poeta ou literato? O desejo de trilhar uma carreira na arte poética e literária fica evidente quando se desfruta do prazer de ler *Marxismo e Crítica literária*, de Terry Eagleton, quando nos debruçamos sobre *Karl Marx and World Literature*, de Praver, ou, ainda, quando estudamos algumas de suas obras. Fica explícito o know-how sobre o assunto quando se lê *O Capital - Livro I, O 18 Brumário* de Luís Bonaparte, *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*, *A Sagrada Família*, *A Ideologia Alemã*, *Sobre o suicídio*, *Os Despossuídos*, *Manuscritos econômicos e filosóficos* e *Escritos ficcionais*.

Dessa forma, o trabalho traz luz sobre essa temática tão importante e original, a qual estava um pouco ofuscada por outras vertentes do estudo marxiano. Assim, ratificamos a importância da pesquisa no conjunto da obra do autor, tanto no jovem Marx, como no Karl maduro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história da Literatura, na vida de Karl Marx, apresenta-se desde a infância, quando ele brincava com as irmãs e obrigava-as a comer o que ele preparava em troca de contar-lhes algumas histórias. É como Praver (2011, p.12) fala: "Ele era um contador de histórias único e incomparável", assim como foi documentado pela filha Eleanor, Marx tinha essa veia de contador de histórias.

Na escola, ele tinha grande facilidade para compor sátiras sobre seus amigos e, em uma tarefa final, escreveu um texto sobre profissões no trabalho, intitulado *Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma carreira*, no qual estava inclusa a narrativa de um escritor imaginário, e foi exatamente nesse ambiente escolar que entrou em contato com grandes escritores, como Ovídio, Cícero, Tácito, Homero, Sófocles e Platão.

Desse modo, a Literatura permeava a mente de Karl que dava seus primeiros passos em direção às aspirações futuras e aos sonhos que logo se transformariam em delírios boêmios de noites literárias, poéticas e teatrais nos meses em que cursou Direito em Bonn. Foi como Netto (2020, p. 43 e 44) escreveu: "Marx filiou-se àquele que juntava os oriundos da sua cidade, o Clube Tabernário de Trier (designação autoexplicativa), e logo ganhou destaque, acabando por ser um dos seus dirigentes". Assim foram os dias e noites do jovem Marx enquanto cursava Direito, sempre traçando um paralelo entre Direito, Literatura e boêmia.

A Literatura já estava ligada intimamente à formação de Marx. Embora sua produção literária não tenha suportado seu próprio crivo, sua crítica sobre seus textos poéticos fez com que abandonasse a produção e se dedicasse, exclusivamente, à História, Filosofia, Sociologia e Economia, e foi, nesse momento, em Berlin, que se diagnosticou com pouco talento para produção literária, dando início a uma nova vertente de produção, unindo Literatura e Filosofia.

Segundo Tercio Redondo (2018), na nota do tradutor, "Marx foi buscar, em *Tristram Shandy*, o romance satírico de Laurence Sterne, um modelo de prosa humorística que, daí em diante, marcaria indelevelmente seu estilo de escrever", com isso, o jovem Marx já fazia uma crítica forte e acentuada à sociedade de sua época, influenciado, principalmente, por Sterne e Goethe.

Nas palavras de Eagleton (1943, p. 12), "A Arte e a Literatura faziam parte do próprio ar que Marx respirava como um intelectual alemão formidavelmente culto dentro da grande tradição clássica da sua sociedade."

Segundo Lukács (2016, p.131):

A Literatura é capaz de conferir às contradições, às lutas e aos conflitos da vida social a mesma forma que eles assumem na alma, na vida do homem: é capaz de mostrar as conexões desses conflitos do modo como elas se concentram no homem real. Nesse nível, a literatura – realmente intensa e realista – consegue fornecer vivências e conhecimentos bastante novos, inesperados e essenciais até para o mais profundo conhecedor dos nexos sociais. Marx frisa isso seguidamente no caso de Shakespeare e Balzac.

O livro de Praver (2011), *Marx and world literature* (publicado em inglês em 1976 e relançado em 2011) é referência em demonstrar o caminhar literário que Marx percorreu e do emprego que dele fez em sua obra.

De acordo com Netto (2020, p 41):

"Karl recebia de Heinrich Marx novos e mais diversificados interesses literários (Homero, Dante e Shakespeare, mais ainda Schiller e Goethe). Durante a adolescência, ademais de Heinrich, Westphalen foi para Karl uma significativa influência – que, aliás, ele registrou explicitamente."

"Marx usa expressões e personagens literários como forma de ampliar a pesquisa e enriquecer a argumentação, a despeito de que isso pudesse representar uma via de enriquecimento estilístico. Doutro lado, o 'velho' era um profundo conhecedor da Literatura." (Queiroz e Costa, 2012, p. 28).

Segundo Fonte (2019, p. 354):

O universo artístico adentra a estrutura narrativa marxiana de modo que sua análise dos fenômenos sociais gera não apenas uma metáfora para o capital, mas assume a composição peculiar de um drama alegórico que revela como o valor, forma social particular existente inclusive em sociedades comerciantes antigas, desenvolve-se como valor gerando valor e se torna estruturante da vida social, sua ossatura, matriz que rege a totalidade e a capilaridade da vida no capitalismo, sujeito da História que vive como parasita com poderes monstruosos.

Em *O Capital*, Livro I, Marx (2011, p. 79), logo no prefácio da primeira edição, inicia duas analogias com os

personagens da mitologia grega, Perseu e Medusa. Ele faz uma comparação da estatística social da Inglaterra com a Alemanha e os demais países ocidentais do continente europeu, bem como faz uma analogia relacionando a ação com o elmo de névoa de Perseu, que colocava para perseguir os monstros, e afirma que nós utilizamos o elmo para, na verdade, negar a existências dos monstros.

Marx (2011, p. 178) utiliza-se da análise de personagens da Literatura em seu livro e, desta vez, cita Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*, no livro do paraíso, fazendo uma analogia com o credo, pois a oração seria a moeda de troca para entrar no paraíso, assim como o ouro é a moeda de troca entre as mercadorias. Mais à frente, Marx (2011, p. 494) compara a rotina de trabalho repetitiva a qual o capitalismo submete seus súditos ao castigo que Zeus lançou sobre Sísifo, que teria que passar a eternidade escalando uma montanha com uma gigantesca rocha sobre os ombros, e, quando atingia o topo da montanha, a pedra rolava para baixo e assim começaria tudo outra vez até a eternidade.

Em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Marx (2011, p. 28) faz alusão e analogias aos livros bíblicos, como Lucas e Mateus, construindo, assim, uma relação demonstrativa para uma crítica com o intuito de superar o passado, utilizando-se da passagem bíblica que diz: "Deixem que os mortos enterrem seus próprios mortos".

Em (2011, p. 33) e (2011, p. 40), Marx faz menção à figura do Leão usada nas fábulas, nas quais o leão representa a força maior, sendo o poder maior, logo, depois de um acordo com outros animais para caçar e dividir a presa, o leão fez a divisão em quatro pedaços, afirmando que o primeiro seria dele por ser o rei dos animais, o segundo também, porque tinha organizado o acordo, o terceiro por ser parte que lhe caberia da sociedade e o quarto, porque nenhum outro animal iria querer disputar com ele esse pedaço. Desse modo, Marx faz essa relação com os cooperadores da revolução de fevereiro relacionando-os à fábula do leão.

Perceba como Marx cria conexões e vai costurando relações extremamente significantes no sentido de contextualizar as informações trabalhadas por ele com os personagens literários, poesias e histórias. Veja (2011, p. 37) como Marx compara Luís Bonaparte ao personagem Crapulinski, do poema *Dois cavaleiros*, de Heine, fazendo, assim, uma comparação depreciativa de Luís Bonaparte com um crápula.

Em sua tese de doutorado, *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*, já no prefácio, Marx faz duas citações importantes dos personagens da Literatura quando exalta a Filosofia: "A Filosofia não esconde isso de ninguém. A confissão de Prometeu – [numa palavra, odeio todos os deuses]" e quando afirma: "Porém, às tristonhas lebres de março que se alegram com o aparente agravamento da posição cidadã da Filosofia, esta responde, reiterando aquilo que Prometeu disse a Hermes, o serviçal dos deuses". Exatamente nessas passagens, ele cita Prometeu acorrentado de Ésquilo, e faz alusão a uma expressão inglesa que Lewis Carroll converte em personagem de Alice no país das maravilhas, para mostrar que a Filosofia, em sua posição cidadã, reconhece a autoconsciência como divindade suprema.

Veja como Marx, em (2018, p. 59, 60), faz uma analogia e crítica aos filósofos que se utilizavam da filosofia de Aristóteles, como fonte histórica, para contrapor e tentar superar a filosofia de Hegel; ele faz, também, uma alusão à exclamação de Arquimedes e finaliza satirizando o *Homo maximus*, de Emanuel Swedenborg.

Já em *A Sagrada família* (2011, p. 17), Marx faz uma sátira entre a *Crítica crítica*, grupo criado por Bruno Bauer, e a passagem bíblica que narra a vinda do Cristo como salvador, na religião cristã, e continua, em (2011, p. 31), fazendo analogia ao demônio filisteu Moloch, comparando a *Crítica crítica* a ele. Primeiro, ele afirma que Edgar transforma o amor em um deus para depois transformá-lo nesse demônio Moloch, construindo, assim, sua crítica de forma compreensível e envolvente. Mais adiante, em (2011, p. 33), Marx usa trechos literários como analogias para melhor expressar seu pensamento, utilizando um fragmento do poema *A Moça do estrangeiro*, de Schiller.

Marx, em (2011, p. 67) e (2011, p. 69), ironiza a crítica de Szeliga ao romance de Eugène Sue, *Os Mistérios de Paris*, e continua ironizando Szeliga-Vishnu em relação ao romance de Eugène Sue quando satiriza o fato de que ele é exclamado "Crítico crítico".

Em *Manuscritos econômicos e filosóficos* (2004, p. 96), Marx, além de comparar a propriedade móvel, ou seja, a mercadoria, ao filho unigênito, direta analogia ao termo utilizado pela religião judaico-cristã, assemelha-se a seu adversário, Dom Quixote, personagem sonhador e louco de Miguel de Cervantes, e continua citando-o em (2004, p. 140): "Tem de pagar esta casa mortuária. A habilitação-

luz que Prometeu, em Ésquilo, denota como uma das maiores dádivas pelas quais ele fez do selvagem um homem, cessa de existir para o trabalhador", e, desta forma, utiliza o mito de Prometeu, de Ésquilo, para fazer uma analogia ao trabalho estranhado, pois, assim que Prometeu, quando roubou o fogo de Zeus e deu aos homens, transforma os selvagens em homens, o trabalho estranhado faz o caminho inverso, transformando homens em selvagens.

E finalizando o livro com duas citações (2004, p. 157, 158) e (2004, p. 158), Marx se utiliza de parte do texto de Mefisto, em *Fausto* de Goethe, para retratar o poder do dinheiro, o poder de compra e a transformação do seu possuidor. Já com o texto de *Timão de Atenas*, de Shakespeare, conclui sobre o poder do dinheiro quando afirma que "O que eu como homem não consigo, o que, portanto, todas as minhas forças essenciais individuais não conseguem, consigo-o eu por intermédio do dinheiro".

Em *Os despossuídos*, voltando a utilizar a fábula do leão (2017, p. 32), Marx afirma: "De fato, tudo que furtam e roubam pertence a eles pelo direito do leão", fazendo menção ao que sempre fica com toda a caça na hora da divisão com os outros animais. Os poderosos proprietários de terras agem do mesmo modo em relação aos despossuídos, pois também roubam, embora de forma diferente, sempre protegidos pelas leis do parlamento. Já em (2017, p. 45), Marx utiliza linguagem sarcástica com menções a fábulas e quimeras para desqualificar os argumentos economicistas de Proudhon, satirizando, assim, seus argumentos e continua sendo mordaz em seu comentário contra os argumentos de Proudhon, utilizando ironia ao citar a *Iliada*, de Homero.

Em (2017, p. 84), Marx ironiza a legislação criada para a massa de despossuídos, atribuindo-lhe a fábula da alquimia da pedra filosofal e continua com a mitologia egípcia em (2017, p. 84, 85), para fazer analogia com a desigualdade entre os proprietários de terras, os legisladores no parlamento e os despossuídos, ou seja, os pobres, para assim justificar e legitimar a desigualdade entre eles, já em (2017, p. 92), Marx se utiliza do livro *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, para ironizar o legislador que insiste em fazer leis que apenas prejudicam os pobres e despossuídos.

Em *Sobre o suicídio*, segundo Michael Löwy, havia um Marx insólito, pois, em (2006, p. 13, 14), Marx se utiliza de histórias da vida privada, porque acreditava que o

privado também era político e dedicou-se a essa construção em conjunto com os textos de Peuchert, analisando e criando uma obra muito à frente do seu tempo, obra que reflete, hoje, no nosso cotidiano, na sociedade contemporânea, um livro que aborda questões como depressão, ansiedade e machismo, bem como a repressão que a sociedade moderna, patriarcal e machista exerce sobre as mulheres, e, dessa forma, mais uma vez, Marx se apropria da literatura para adentrar em uma questão ainda delicada e negada na sociedade de hoje.

Em (2006, p. 21), Marx recorre ao romance de Voltaire, *Cândido ou o otimismo*, quando cita um dos ensinamentos do doutor Pangloss sobre o mundo em que vivemos ser o melhor dos mundos. Assim, Marx se utiliza dessa analogia para retratar o mundo do restante da sociedade e, em (2006, p. 28), apropria-se, com referência da contribuição de Rousseau, como analogia a uma sociedade que não se importa com os seus semelhantes, caracterizando-a como uma selva repleta de feras prestes a se devorarem. Logo mais, em (2006, p. 43), Marx faz menção ao termo "Filisteu", o qual é muito comum ao longo de sua obra, sendo sempre utilizado de forma pejorativa, como forma de xingamento, termo tirado, mais uma vez, dos livros do Velho Testamento.

Em *Escritos ficcionais*, livro da juventude de Marx, ele nos traz o romance humorístico de Escorpião e Félix - Oulanem, uma peça trágica, na qual utiliza muitas passagens bíblicas, como em (2018, p. 16), Marx fala: "(...) Margarida que sonhara, e eram ruínas os seus sonhos: ela era a Grande Meretriz da Babilônia, o Apocalipse de João e a ira de Deus", fazendo referências ao texto do Apocalipse de João, no Novo Testamento, para, assim, construir o sonho de sua personagem e, na mesma página, faz referências cômicas à tragédia homônima de Shakespeare, com o rei Ricardo da Inglaterra, antes de ser morto, e a situação em que Margarida se encontrava.

Marx (2018, p. 27) fala: "Tenho vertigens; se um Mefistófeles aparecesse, eu seria um Fausto, pois, evidentemente, todos somos um Fausto, visto não sabermos qual lado é o direito e qual o esquerdo". Aqui, mais uma vez, ele utiliza sarcasmo na analogia a Fausto, de Goethe, quando estabelece com Mefistófeles, a personificação de um demônio, um pacto para que

voltasse à juventude e continua sua crítica em (2018, p. 35), fazendo analogias a *Fastos*, obra de Ovídio, na qual ele, várias vezes, faz referência ao nascimento das estrelas e suas constelações, assim como em *Gênesis*, quando Deus faz a promessa a Abraão de que sua descendência seria tão numerosa quanto as estrelas.

Em *A Ideologia alemã*, Marx cita várias obras literárias, entre elas *Antígona*, de Sófocles, *Timon Von Athen*, de William Shakespeare, *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, *La puente de Mantible*, de Pedro Calderón, e muitos livros da Bíblia de Martinho Lutero. Já em (2007, p. 105), Marx faz uma analogia em relação a Bruno Bauer, chamando, desdenhosamente, de santo epilético a Jacó, personagem bíblico do livro de *Gênesis*, em relação a sua luta com Deus. Marx deslocou o quadril de Jacó, enquanto Bruno apenas mexe com sua frase e continua desdenhando, em (2007, p. 107), chamando-o de São Bruno enquanto lhe compara ao personagem Malvolio, de Shakespeare, fazendo uma analogia a sua natureza desagradável, vaidosa, autoritária e pomposa.

Em (2007, p. 147), Marx se utiliza do livro de João, o Apocalipse, para fazer uma analogia entre Stirner e Cristo, o qual veio para guiar os pagãos, no entanto, Marx se utiliza da relação de semelhança para desdenhar Stirner, ridicularizando-o, e continua sua saga de desdém em (2007, p. 150), fazendo uma comparação com a passagem do livro de João, o Apocalipse, depreciando Stirner, chamando-o de São Max, detratando-o e falando que, por causa da sua classificação do homem, João deveria ter profetizado de outra forma.

Este artigo mostra um recorte das referências, sátiras, citações e analogias dentro das obras principais do próprio Karl Marx. Tais referências expressam, em seu contexto, um traço, um modelo ou uma vertente do estilo que Marx desenvolveu para uma melhor compreensão de seus textos, tanto no jovem Marx, como no Karl maduro.

3. METODOLOGIA

O artigo tem como fundamento a pesquisa qualitativa, teórica e bibliográfica, articulada com informações de autores que publicaram trabalhos nas áreas de Filosofia e Literatura, com o objetivo de obter uma melhor compreensão sobre as influências literárias na obra marxiana e, conseqüentemente, como isso se incorporou e refletiu na linguagem literária de seus escritos. Analisando sua bibliografia, elencaremos algumas de suas obras, além de autores que já desenvolveram projetos nessa área. Mesmo sendo Karl Marx um autor com obra vasta em outras vertentes do conhecimento filosófico, a presente pesquisa se concentrará em um recorte de obras específicas, trazendo, assim, uma visão mais determinada, detalhada e rica sobre a temática da Literatura e da Filosofia na obra de Marx.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certa vez, em carta a Engels, Karl comentou suas obras dentro do contexto norteador de um conjunto artístico, pois ele defendia a liberdade de expressão da arte em qualquer produção, principalmente depois de desenvolver a crítica sobre como o mercado absorvia e transformava tudo em mercadoria. Certamente porque a arte não se restringe apenas a analisar e reproduzir experiências vivenciadas pelas sociedades do passado e de sua época. Com certeza, porque ela traz no seu cerne a subjetividade crítica, utópica, apaixonante, inquieta e emancipatória, e, por isso, foi percebida, admirada e utilizada por Marx.

Essa aproximação do estilo literário com a Filosofia, e desta com a História, com o cotidiano dos indivíduos, esse convite a sair da passividade, indubitavelmente, contribuiu bastante para sua crítica à sociedade burguesa. Desse modo, Marx se apropriou da Literatura, de seus personagens, das poesias, dos cenários e das circunstâncias dentro de seu contexto histórico para uma melhor compreensão e exposição de seu trabalho filosófico.

Assim, o presente trabalho evidencia o uso da literatura como recurso explicativo na filosofia de Karl Marx, motivado pelo desejo de escrever literatura na adolescência, algumas vezes para satirizar oponentes, outras, simplesmente, pelo prazer intelectual de

contextualizar essa metalinguagem dentro de suas pesquisas, no entanto, explicitamente, com o objetivo de facilitar o entendimento de questões filosóficas, críticas, aos seus leitores.

Dessa forma, a pesquisa demonstra a forte influência e presença literária dentro da obra marxiana, principalmente no jovem Marx, embora esse traço o tenha acompanhado durante toda a vida. Isto nos proporcionou uma análise mais completa sobre a temática da Literatura e da Filosofia na obra de Marx, agregando, assim, mais uma forte, específica e conseqüente influência, além do tripé já conhecido do socialismo francês, da economia inglesa e da filosofia alemã sobre a produção intelectual de Karl Marx.

Enfim, é necessário destacar a importância da abordagem dessa temática e pesquisa, pois ela contribuiu para um enfoque interativo da Filosofia com a Literatura e com as artes em geral, enfoque esse muitas vezes deixado de lado, ou até mesmo ameaçado, como nos tempos atuais.

6. REFERÊNCIAS

- CHAGAS, Eduardo F. **Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx**. Campinas-SP: Editora Phi, 2016.
- CHAGAS, Eduardo F. O Pensamento de Marx sobre a Subjetividade. **SciELO**, 2013.
- CHAGAS, Eduardo F. O Método Dialético de Marx: Investigação e Exposição Crítica do Objeto: **Revista de filosofia**, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FONTE, S. S. Della. **Marx e a Literatura em O Capital: Estudos Avançados**. São Paulo, v.33, nº 97, p. 347-359, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/165033>. Acesso em: 28 out. 2022.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Marx e Engels como Historiadores da Literatura**: 2016.
- MARX-ENGELS. **Sobre Literatura e Arte**: Coleção Bases. São Paulo: Global Editora, 1979.
- MARX, Karl. **Diferença entre a Filosofia da Natureza de Demócrito e a de Epicuro**: Coleção Marx-Engels. - São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, Karl. **Escritos Ficcionalis: Escorpião e Felix – Oulanem**. Coleção Marx-Engels. - São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I - O processo de produção do capital. - São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **Os Despossuídos**: Coleção Marx - Engels. - São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**: Coleção Marx-Engels. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **A Sagrada Família, ou A Crítica da Crítica Crítica contra Bruno Bauer e Consortes**. Coleção Marx-Engels. - São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Sobre o Suicídio**. Coleção Marx-Engels. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Coleção Marx-Engels. São Paulo: Boitempo, 2006.
- NETTO, José Paulo. **Karl Marx, uma Biografia** - São Paulo: Boitempo, 2020.
- PRAWER, S. S. **Karl Marx and World Literature**: Londres: Verso Books, 2011.
- QUEIROZ, F. J.; COSTA, F. **Marx e a Literatura: um estudo à luz do Capital**. Revista